



“A VIDA ESCONDIDA EM CRISTO” – A VIRGINDADE CONSAGRADA NA IGREJA ANTIGA

(Life hidden in Christ- Consecrated Virginity in the Primitive Church)

Adriana Barbosa Guimarães*

Graduada em Ciências Religiosas e Educação e Desenvolvimento. Aluna de Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

RESUMO

Ao longo da história do cristianismo inúmeros homens e mulheres consagraram suas vidas a Deus de forma radical e exclusiva, para reproduzir em suas vidas a forma de viver de Cristo. Pretendemos identificar a presença, fundamento teológico e características do estado de consagração virginal no contexto da Igreja Antiga e analisar sua contribuição e importância eclesial e social para aquele tempo. O testemunho desta forma de vida chama a atenção da Igreja e do mundo para a dignidade do ser humano e do amor, recorda sua superioridade em relação aos outros seres e convida dirigir o olhar para as realidades futuras, onde está a meta final da existência do cristão e de toda a humanidade.

Palavras-chave: Vida consagrada. Testemunho. Igreja Antiga. Missão.

ABSTRACT

Throughout the history of Christianity, innumerable men and women have consecrated their lives to God in an exclusive and radical way, reproducing in their own lives the very life of Christ. With this, we are going to identify the presence, the fundament and the characteristics of the state of virginal life consecration within the early Church. We will also analyze its contribution and importance within the ecclesial and social spheres of that time. The witness of this form of life calls the attention of the Church and the world to the dignity of human person and of love. It reminds us of its superiority in relation to other creatures and invites us to look towards future realities, where we find our final goal as Christian and human existence.

Keywords: Consecrated life. Witness. Primitive Church. Mission.



INTRODUÇÃO

Jesus Cristo fundou a Igreja para ser uma prolongação na terra da sua vida e da sua missão. Ela está chamada a ser na história, sinal da presença e da ação de Deus entre nós. A Igreja é o Povo de Deus, o povo que Deus escolheu para si, preparado na história do povo de Israel e, depois, resgatado e conquistado com o sangue do Filho de Deus Encarnado, Jesus Cristo.

A manifestação do Filho de Deus aconteceu na história. Deus irrompeu na vida dos homens em um lugar concreto, em um momento determinado e dessa forma a Revelação tem o seu caráter histórico. Cristo, em sua vida terrena, separou e escolheu para si aqueles que o seguiriam procurando reproduzir em suas próprias vidas a forma de vida do Mestre. É o gérmen da vida consagrada. Ao longo da história do cristianismo um número incontável de pessoas, homens e mulheres, entregaram e consagraram suas vidas a Deus de forma radical e exclusiva. Essas pessoas consagradas, também construíram de forma insubstituível a história da Igreja. O que seria da Igreja e de sua história sem a presença e a ação dessas pessoas?

O presente trabalho procura identificar a presença e características do estado de consagração virginal no contexto da Igreja Antiga, visa analisar a necessidade e a importância dessa forma de vida para a Igreja naquele momento histórico, como resposta do Espírito Santo às necessidades da humanidade de cada tempo e lugar.

O sentido de estudar a história eclesial, especialmente para os cristãos, é o de conhecer a própria história e não algo alheio. Além disso, responde à necessidade de fundamentar a própria fé em sua dimensão histórica. O cristianismo não se baseia em argumentos mitológicos, mas na manifestação histórica de Deus na vida dos homens. A Igreja prolonga no tempo a presença, a vida e a missão do Verbo de Deus Encarnado, Jesus Cristo.

A vida consagrada faz parte da vida e da ação da Igreja. Dada a sua importância no contexto eclesial, especialmente no momento histórico atual em que pelo dom do Espírito Santo novas formas de vida consagrada florescem, é conveniente conhecer e refletir sobre suas diversas manifestações para aumentar a compreensão relativa a esse dom de Deus e, assim, valorizá-lo e colaborar para sua interação com os outros estados de vida presentes na Igreja.

Iniciaremos refletindo brevemente sobre o conceito de consagração a Deus e, posteriormente, analisaremos a primeira forma de vida consagrada feminina: a virgindade consagrada na Igreja Antiga. Procuramos responder às seguintes indagações: quais eram as características dessa forma de consagração? Em que contexto histórico-



social se apresentou? Qual foi a contribuição desta forma de vida para a Igreja e para a sociedade?

A CONSAGRAÇÃO A DEUS

Pretendemos compreender a noção de consagração no cristianismo, em seu sentido próprio e analógico para, posteriormente, identificar a tipologia de consagração feminina existente no período da Igreja Antiga.

1. CONCEITO DE “CONSAGRAÇÃO A DEUS”

Consagrar significa “tornar sagrado”, isto é, separar, reservar algo ou alguém para Deus. Tudo o que é sagrado a Ele se refere, lhe pertence por excelência. Por isso, consagração designa o ato através do qual algo ou alguém se une a Deus mediante um vínculo tão estreito que esse ser é separado de seu mundo e do que possui para pertencer somente a Deus.

Tudo o que existe foi tocado por Deus, já que dele, tudo procede. Dessa forma, poderíamos dizer que tudo, em certo sentido, é sagrado. No entanto, ao nos referir à “consagração” neste estudo, aludimos a uma intervenção de Deus que vai além do ato de criar e participar o seu *ser sagrado* às criaturas. Trata-se de uma intervenção ulterior e especial de Deus, que no caso das pessoas, implica uma vocação, isto é, um chamado especial de Deus para participar do sacerdócio ministerial ou da “forma de vida” de Cristo.

Tais consagrações se realizam no sujeito, uma mediante a sagrada ordenação, a outra através da profissão dos conselhos evangélicos. A primeira é ordenada principalmente a habilitar a pessoa para cumprir determinado ministério, como participação privilegiada na obra de Cristo mediador, ao passo que a segunda é ordenada a tornar a pessoa capaz de “seguir a Cristo mais de perto”, isto é, a colocá-la em uma “forma de vida” que reproduz de modo mais fiel possível o projeto existencial do Senhor. No primeiro caso, a dimensão objetiva do sacerdócio de Cristo que é sublinhada, ao passo que no segundo é a subjetiva. Ambas as consagrações atingem o ser e o agir da pessoa; mas enquanto a primeira é ordenada essencialmente a um “novo” modo de *operar*, isto é, ao sagrado ministério, a segunda é ordenada a um “novo” modo de *ser*, isto é, a uma especial configuração a Cristo casto, pobre e obediente.¹



**Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 7, n. 12, jul/dez, 2013,
p. 113-128**

Cristo é o consagrado por excelência, pois em sua humanidade totalmente consagrada ao Pai de forma singular pela união hipostática,² toda a criação e, em especial, a pessoa humana é novamente consagrada a Deus.

2. CRISTO, O CONSAGRADO AO PAI

No mistério da Encarnação, o Pai consagra totalmente a humanidade de Cristo, na plenitude do dom do Espírito. Tal realidade fica evidenciada no episódio do batismo de Jesus, como relata o evangelho e indica seu acolhimento da consagração e missão recebidas do Pai:

Batizado, Jesus subiu imediatamente da água e logo os céus se abriram e ele viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba e vindo sobre ele. Ao mesmo tempo uma voz vinda dos céus dizia: “Este é o meu filho amado em quem me comprazo” (Mt 3,16-17).³

Por sua vez, Jesus se consagra ao Pai de forma totalizante no mistério pascal de sua Paixão, Morte e Ressurreição. Nele realiza em plenitude seu ato de entrega total e absoluta ao Pai como sacerdote, vítima e altar: “Por isso o Pai me ama, porque dou minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou livremente. Tenho poder de entregá-la e poder de retomá-la; esse é o mandamento que recebi do meu Pai” (Jo 10, 17-18).⁴ Gianfranco Ghirlanda explica este duplo movimento da consagração de Cristo:

O duplo movimento de consagração, de Cristo por parte do Pai, e ao Pai por parte de Cristo, se funda na mesma vida filial com a qual o Verbo, desde a eternidade, procede do Pai e a Ele tudo refere, desde sempre, no louvor e amor. A consagração de Cristo é, ao mesmo tempo, dom do Pai e obediência do Filho, no único amor, que é o Espírito⁵ (Tradução nossa).

Assim, toda consagração é análoga à consagração de Cristo. No batismo, Deus concede o dom da consagração ao cristão e, quando por sua vez, sucede uma ulterior consagração, esta é uma consagração pessoal que corresponde a uma resposta na fé.



3. A CONSAGRAÇÃO A DEUS NO CRISTIANISMO

Devido à estreita relação que existe entre a consagração do cristão em analogia à de Cristo, ela está diretamente vinculada ao mistério pascal e aos seus frutos. Por isso, no cristianismo, a consagração vai além da separação entre o sagrado e o profano. Desde a consagração no batismo, dá-se a liberação da pessoa em si mesma do domínio do pecado e da morte, para se realizar plenamente como criatura, elevada ao estado sobrenatural, à vida em Deus.

A vida cristã deve ser entendida e vivida tal chamado a ser como Cristo em tudo. Já na comunidade primitiva, esse ideal encontrava seu ponto mais alto no martírio, quando o cristão imitava o Mestre no gesto supremo de dar a sua vida pelo irmão por um supremo amor. Muitos cristãos foram mártires durante as perseguições,⁶ especialmente nos primeiros séculos, por hostilidades por parte de certos grupos, calúnias populares ou dos intelectuais.

No entanto, neste período surgiram pessoas na comunidade cristã, que renunciavam ao matrimônio para consagrar-se a Deus em virgindade.

... para serem como Cristo em tudo – também em sua concreta forma de vida virgem, pobre e orante – para serem, em suma, dedicados às coisas do Senhor. São pessoas que vivem em contínua oração, em castidade, sozinhos ou em grupos, e se põem a serviço dos pobres e da comunidade, ou se dedicam à evangelização...

Se em tempos de perseguição eram os mártires que exprimiam a máxima proximidade com Cristo, em tempos de paz eram as virgens, os ascetas e os evangelizadores itinerantes que lembravam o radicalismo cristão.⁷

Segundo Cabra, já desde os primeiros séculos, havia duas maneiras de seguir Cristo: a forma de vida das virgens e dos ascetas e os cristãos comuns. Os primeiros procuram viver a perfeição evangélica, em uma forma de vida considerada como mais próxima à de Cristo e, por sua vez; os segundos, na maioria, casados, davam testemunho de fidelidade a Cristo através da sobriedade e da vivência da caridade fraterna.

A primeira consagração virginal cristã é a de Maria, Mãe de Jesus, já que sua virgindade “professada pela Igreja apostólica, é a primeira virgindade evangélica autêntica para seguir Jesus. Maria recebe do mistério do Filho a própria virgindade, dom do Pai e dedicação ao Reino na pessoa de Jesus”.⁸ Após Maria, vêm os apóstolos e o numeroso grupo de pessoas consagradas a Cristo ao longo de dois milênios.



4. A VIRGINDADE CONSAGRADA NOS ESCRITOS NEOTESTAMENTÁRIOS E NOS SANTOS PADRES

Ainda que não haja documentação suficiente que nos permita conhecer com mais precisão dados concretos dessa prática de vida, nos textos neotestamentários e em fontes da Sagrada Tradição e já no século IV, em textos de concílios que normatizam alguns aspectos das virgens que se consagravam encontramos algumas referências.⁹ É possível afirmar que nas comunidades da Igreja primitiva existiam grupos de virgens, tanto homens como mulheres que, através de algum voto, se comprometiam a viver o carisma do celibato, entregues ao seguimento mais radical de Cristo.

O próprio Cristo, ao ser interrogado sobre a questão do divórcio, declarou que esta prática não fazia parte dos desígnios de Deus, defendeu o caráter indissolúvel do matrimônio cristão, mas também indicou que esta não era a única forma de viver o plano de Deus. A alguns era concedido um dom que não podia ser compreendido por todos, mas sim, por aqueles a quem era dado:

Com efeito, há eunucos que nasceram assim, do ventre materno. E há eunucos que foram feitos eunucos pelos homens. E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus. Quem tiver capacidade para compreender, compreenda (Mt 19,12).¹⁰

Cristo é o fundamento da virgindade vivida pelo Reino dos Céus. A tradição remonta e fundamenta esta forma de vida no “comportamento existencial de Jesus¹¹”. Não somente, não há no evangelho e demais escritos neotestamentários argumento que se oponha ao fato Jesus ter vivido o ideal da virgindade, senão que este ideal é sugerido pelo próprio Cristo: tudo deixar pelo Reino dos céus e seus seguidores também transmitiram este ensinamento e o reproduziram em suas próprias vidas (Cf. Lc 18,29; 1Cor 7,7.25-38; Ap 14,4).¹²

Os Atos dos Apóstolos fazem referência a quatro virgens, filhas do diácono Filipe, que profetizavam (Cf. At 21,9). Provavelmente esta menção não se refere à integridade guardada pelas judias durante a juventude, senão que a um estado de vida (Cf. PIO XII, 1954). Na época apostólica também a literatura hagiográfica procurou destacar a existência e o testemunho desses cristãos que se consagravam a Cristo pela virgindade ou pela continência.¹³ Santo Inácio de Antioquia, mais tarde, também fará menção às virgens e às viúvas destacando sua importância para a comunidade de Esmirna.

São Paulo reconhece a bondade e a dignidade do matrimônio, no entanto, destaca a virgindade como algo superior, que permite à pessoa dedicar-se totalmente ao Senhor:



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 7, n. 12, jul/dez, 2013,
p. 113-128

Da mesma forma, a mulher não casada e a virgem cuidam das coisas do Senhor e do modo de agradecer ao Senhor. [...] aquele que no seu coração tomou firme propósito, sem coação e no pleno uso da própria vontade, e em seu íntimo decidiu conservar a sua virgem, esse procede bem. Portanto, procede bem aquele que casa sua virgem; e aquele que não a casa, procede melhor ainda (1Cor 7, 34.37-38).¹⁴

Os Santos Padres enaltecem o estado da virgindade como consagração a Deus em diversos escritos. Apenas citaremos alguns autores: Ambrósio,¹⁵ Agostinho,¹⁶ Cipriano,¹⁷ João Crisóstomo¹⁸ entre outros. A doutrina desenvolvida por eles ao longo dos séculos louva esta forma de vida como grande e meritória e confirma àqueles que experimentam esse chamado a perseverarem até a morte.

Santo Inácio de Antioquia já distinguia entre a hierarquia ministerial, vocação daqueles que foram chamados a *fazer* o que Jesus fizera e a hierarquia carismática, formada por aqueles que foram chamados a *ser* como Jesus. Esta última caracteriza o ideal supremo dos cristãos de *ser em tudo como Jesus*.

Houve quem dentre os santos Padres exaltasse a virgindade em detrimento do matrimônio, como no caso de Tertuliano. No entanto, a contribuição dos Padres foi reconhecer a dignidade e nobreza do matrimônio, mas declarar a superioridade do ideal de virgindade, como diz Santo Agostinho: as núpcias são um *bonum*, a virgindade é o *melius*. É o escolher a melhor parte, como diz Jesus a Marta (Cf. Lc 10,42). Mesmo assim, Agostinho também afirmava que era melhor “uma casada humilde que uma virgem soberba” (Cf. CABRA, 2006, p. 21). Isto indica que não basta o estado de vida virginal, é preciso procurar uma vida virtuosa, autenticamente santa, para imitar a vida de Cristo.

E por fim, os Padres também destacam a relação entre a consagração virginal e o mistério da Mãe de Deus e o mistério da Igreja:

... aludem com frequência às relações entre Maria, a Igreja e o fiel, entre a virgindade, a maternidade espiritual e a fé. A Igreja é virgem porque conserva a integridade da fé; daí a sua fecundidade espiritual, como ocorreu a Maria e ocorrerá a toda alma virgem, ou seja, integra na fé.¹⁹

VIRGINDADE CONSAGRADA NA IGREJA ANTIGA

Por ser a forma de vida escolhida e praticada por Cristo, a virgindade foi reconhecida e valorada como um dom precioso de Deus Pai, para que aqueles que são chamados a esta consagração particular se entregam a Deus com um coração indiviso.



1. CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL DA IGREJA ANTIGA

O período da Idade Antiga abrange o século I, começando pelo nascimento de Cristo até o século V, quando em 476 deu-se a invasão de Roma pelos bárbaros. Neste período o cristianismo nasceu e se expandiu. Cristo reuniu e formou o grupo dos Doze Apóstolos, cujo líder foi Pedro, a quem constituiu cabeça e fundamento de sua Igreja (Cf. Mt 16,13). Os apóstolos, através do anúncio querigmático, cumpriram o mandato de Cristo de fazer discípulos fundando as comunidades da Igreja Primitiva.

Ao longo desse período, a comunidade cristã também foi se configurando através da distinção entre os estados de vida: os cristãos comuns e, por sua vez, as virgens e ascetas, sendo que os ministros ordenados podiam pertencer a qualquer um dos dois estados.

Após a expansão inicial, a Igreja passou para uma fase de consolidação, na qual procurou promover, sobretudo, a fidelidade à doutrina de Cristo e a unidade eclesial. Desde a sua origem, como atesta o livro dos Atos dos Apóstolos, a autoridade eclesial estava centrada na pessoa de Pedro, como chefe e, logo, nos outros apóstolos. Posteriormente, esta autoridade é reconhecida em seus sucessores. Com o passar do tempo e a expansão, as estruturas e a organização tornaram-se mais elaboradas, especialmente a partir do final do século IV, quando o imperador Teodósio constituiu o cristianismo como a religião oficial do império e as estruturas e procedimentos do governo e da sociedade romanos passam a exercer grande influência sobre a Igreja.

Através do testemunho dos Padres do Ocidente e do Oriente pode-se afirmar a prática da virgindade como ideal evangélico em toda a Igreja Antiga.

2. VIRGINDADE FEMININA COMO FORMA DE CONSAGRAÇÃO NA IGREJA ANTIGA

A Sagrada Congregação para o Culto Divino, em Decreto de 31 de maio de 1970 afirma que "... desde a época apostólica, (houve) virgens que consagraram a Deus sua castidade, ornando o corpo místico de Cristo e enriquecendo-o de admirável fecundidade". Descreve assim o surgimento da primeira forma de consagração feminina na Igreja Primitiva.



2.1. CARACTERÍSTICAS DESSA FORMA DE CONSAGRAÇÃO – DIMENSÃO TEOLÓGICA

A Encarnação de Cristo é o fundamento e início da virgindade consagrada. Ele se apresenta como o “Esposo da Aliança nupcial entre Deus e o seu povo²⁰”. Cristo reconhece o matrimônio como dom e desígnio de Deus para a humanidade, no entanto, anuncia que, para alguns, Deus concedeu o dom de viverem virgens em virtude e por amor do Reino de Deus. Estas pessoas são sinais de que esse Reino já está presente, tornou-se visível. A consagração virginal é um autêntico estado de vida cristocêntrico e cristiforme.

A presença dessa forma de consagração se manifestava, de forma privada ou comunitária, nas virgens e nas “mães do deserto”.²¹ Essa presença foi discreta, porém, não menos importante. Basta citar o exemplo de Ambrósio que testemunha sobre a sua irmã Marcelina, “virgem consagrada pelo papa Libério, que cuida da educação do irmão menor (Ambrósio), deixando uma impressão decisiva em sua personalidade”.²² A ela o santo dedicou o seu tratado sobre a virgindade.

Outro caso de destaque é o de Santa Macrina, irmã dos santos Basílio Magno, Gregório de Nissa e Pedro de Sebaste. Ela era grande conhecedora das Sagradas Escrituras. Em virgindade, retirou-se para a vida solitária sendo um grande exemplo de amor a Deus e de despreendimento das vaidades do mundo. Faleceu em 379, o martirologio dá testemunho e influência que exerceu na vida destes grandes santos e padres da Igreja:

São Basílio, o Grande, São Pedro de Sebaste, São Gregório de Nissa e os outros irmãos de Macrina, aprenderam dela o desprezo do mundo, o temor à riqueza e o amor à oração e à palavra de Deus. Segundo se diz, São Basílio tornou-se envaidecido de seus estudos e sua irmã lhe ensinou a ser humilde. Por outra parte, Macrina foi o “pai e a mãe, o guia, a mestra e a conselheira” de seu irmão mais novo, São Pedro de Sebaste, pois o pai da família morreu pouco depois do nascimento do último filho. Após sua morte, São Basílio estabeleceu sua mãe e sua irmã em uma casa às margens do rio Iris; as duas santas mulheres se entregaram à prática da ascese com outras companheiras (Tradução nossa).²³

Mesmo de forma indireta, a presença e a ação das virgens consagradas em seu testemunho de vida e de entrega total a Cristo esposo é uma riqueza para a Igreja, inclusive para seus pastores pela sua espiritualidade e pelo seu radicalismo na vida cristã.



2.2. DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA VIRGINDADE CONSAGRADA NA IGREJA ANTIGA

Na Constituição Apostólica *Sponsa Christi* de 1950, Pio XII, expõe em traços gerais como se desenvolveu a vida consagrada feminina. Oferecemos uma síntese do que se refere à virgindade consagrada dos primeiros séculos e começamos citando o grande elogio que dedica a essa forma de vida:

Não é admirável? Todas as vezes que as Virgens cristãs, “a porção mais gloriosa do rebanho de Cristo”, a impulsos do amor, menosprezando todas as solitudes do mundo, como alheias a ele e superando a divisão do coração, tão cômoda como cheia de perigos, não somente se consagraram totalmente a Cristo como a um verdadeiro Esposo das almas, senão que, entregaram para sempre as suas vidas, adornadas como joias de todas as virtudes cristãs, a serviço de Cristo e de sua Igreja (Tradução nossa).

Esta consagração tinha um caráter místico e nos primeiros séculos acontecia mais de forma espontânea e privada que com fórmulas e palavras rituais. Como na sociedade a mulher não tinha um *status* próprio, senão que sempre em relação a outro, família ou marido, as virgens permaneciam com suas famílias. Pelas exortações dos Padres, sabe-se que seu comportamento social era como o das jovens da sua idade e que se lhes recomendava modéstia e equilíbrio no comportamento e na forma de adornar-se²⁴. Levavam uma vida de ascese e de entrega e compromisso com o Reino, principalmente, sendo sinal da presença das realidades futuras já neste mundo.

Com o passar do tempo, as virgens formaram uma “classe”, o *ordo* ou a *Ordem das Virgens* e chegaram a constituir um verdadeiro estado de vida, reconhecido pela Igreja, esta realidade começa a tomar forma durante o século III. Não se pode afirmar com certeza o momento a profissão da virgindade começou a ser exercida de modo público e “confirmada com vínculos mais estreitos”, precisamente pela dificuldade de aplicar àquele momento histórico as noções jurídicas e teológicas posteriores.

Quando a Igreja aceitava a consagração dessas mulheres, declarava que as reconhecia como pessoas “inviolavelmente” entregues a Deus e à Igreja, de modo permanente. No século IV, já usava-se o rito solene da *Consagração das Virgens*, autêntica relíquia da antiga liturgia. Tal consagração contraía o compromisso da ascese e da vigilância, sempre motivadas pela prática da piedade e das virtudes.

No final do século IV havia já uma legislação para regular essa forma de vida consagrada. Quando o império se converteu ao cristianismo este estilo de vida se propagou, também na forma cenobítica, isto é, de vida comunitária. E a virgindade



**Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 7, n. 12, jul/dez, 2013,
p. 113-128**

vivida no mundo como consagração foi desaparecendo paulatinamente, pois os pastores incentivavam que as virgens consagradas se reunissem em comunidade, que posteriormente assumiu as formas de vida monacal e religiosa.

2.3. MISSÃO DESTA FORMA DE CONSAGRAÇÃO NA IGREJA E NA SOCIEDADE

O cristianismo que se expandiu pelo mundo greco-romano. Tal contexto cultural continha elementos espiritualistas no que concerne à sexualidade, inclusive, com uma concepção pessimista, por valorizar mais o espírito em relação à matéria e compreender estas duas dimensões do ser humano em oposição e não em uma unidade integrada. Por isso, o pensamento filosófico grego e romano se apresenta favorável à prática da virgindade. Esta forma de pensar, porém, fomentou desenfreamento sexual, mais que estimular a prática da virgindade.²⁵ Este foi o ambiente encontrado por esta proposta de forma de vida evangélica.

Após o martírio, a virgindade e a continência eram consideradas a maior forma de testemunho cristão. Juntamente com os ascetas, as virgens eram consideradas verdadeiros modelos de vida cristã, especialmente nos tempos de perseguição, quando eram vistas como “guias luminosos”. O testemunho destes cristãos causava impacto na vida social, como se constata neste relato de Setímio Severo:

Os cristãos conservam conduta inatacável, digna de verdadeiros filósofos. Vemos que, com efeito, desprezam a morte e, movidos por certo pudor, têm horror aos atos da carne. Existem inclusive entre eles varões e mulheres que durante toda a vida se abstêm do ato conjugal. Há também os que no governo e no domínio de sua alma e na busca apaixonada da honestidade foram mais longe do que os verdadeiros filósofos.²⁶

Na Igreja Primitiva, a vida dessas mulheres que se consagravam a Cristo na virgindade foi um verdadeiro testemunho do Espírito Santo de que um novo tempo tinha sido inaugurado. Atesta que o cristianismo traz consigo uma novidade, a de voltar-se para as coisas do alto, como diz o autor da Carta aos Colossenses:

Se, pois, ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Pensai nas coisas do alto, e não nas da terra, pois morrestes e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus: quando Cristo, que é a vossa vida, se manifestar, então vós também com ele sereis



**Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 7, n. 12, jul/dez, 2013,
p. 113-128**

manifestados em glória. Mortificai, pois, os vossos membros terrenos” (Col 3, 1-5a).

A vida do consagrado está como que “escondida” em Cristo porque o consagrado se une de tal forma a Cristo que sua vida é expressão do que Paulo expressar de sua experiência do mistério de Cristo na própria vida:

De fato, pela Lei morri para a Lei, a fim de viver para Deus. Fui crucificado junto com Cristo e já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim (Gl 2,19-20).

A proposta do cristianismo e da vida de consagração na virgindade difere da mentalidade judaica fundada na terra e na prosperidade. Por isso, as virgens consagradas são o signo escatológico da “Esposa celeste e da vida futura, quando finalmente, a Igreja viverá em plenitude o seu amor por Cristo Esposo²⁷”. Tal testemunho difere também da prática pagã das virgens vestais,²⁸ como afirma a encíclica *Sacra Virginitas*:

Por isso, os santos padres observam que a virgindade perpétua é um bem excelso nascido da religião cristã. Com razão notam que os pagãos da antiguidade não exigiram das vestais tal estado de vida senão por certo tempo; e mandando o Antigo Testamento conservar e praticar a virgindade, fazia-o só como exigência prévia do matrimônio (cf. Ex 22,16-17; Dt 22,23-29; Eclo 42,9); além disso, como escreve santo Ambrósio; "Lemos de fato que havia virgens no templo de Jerusalém. Mas que diz delas o apóstolo? 'Todas estas coisas lhes aconteciam em figura' (1Cor 10,11), para serem indícios dos tempos futuros".²⁹

Para a sociedade na qual a comunidade primitiva estava inserida, o testemunho dado pelas virgens era um sinal de contradição em meio à mentalidade pagã afetada pela degradação moral. A vida destas mulheres certamente foi uma incitação para as consciências adormecidas, um alerta quanto à caducidade das realidades e dos prazeres mundanos e uma confirmação da supremacia das realidades sobrenaturais pelas quais valeria a pena abandonar tudo com tal de ganhar a vida eterna.

A dimensão escatológica deste estado de vida pode suscitar perplexidade ou até mesmo parecer algo sem sentido. Qual seria a necessidade de adiantar nesta vida as realidades do céu? Porém, esta forma de vida, dentro de suas limitações, também participa de alguma forma do mistério de Cristo. Certamente não é uma necessidade, caso contrário, todos estariam obrigados a vivê-lo, mas é um dom e um mistério. O próprio Senhor advertiu sobre a dificuldade em compreendê-lo.³⁰ Não é necessário, mas é conveniente



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 7, n. 12, jul/dez, 2013,
p. 113-128

que algumas pessoas, em sua fragilidade e por misericórdia e dom de Deus, possam ser sinais para os outros irmãos de que a meta da nossa vida está nas coisas do alto.

CONCLUSÃO

Neste estudo, nos propusemos a refletir sobre a virgindade consagrada no período da Igreja Primitiva. Consideramos o conceito de consagração no cristianismo que tem o seu fundamento na consagração de Cristo, o consagrado por excelência.

Identificamos a virgindade consagrada como a primeira forma de consagração feminina que surgiu na Igreja, sendo que a primeira pessoa que a vivenciou de modo singular foi Maria de Nazaré, invocada sob o título de Virgem Maria pela tradição cristã católica.

Analisamos de forma breve as características dessa forma de vida em unidade com o que a ela referem os escritos do Novo Testamento e fontes dos textos patrísticos. E, finalmente, descrevemos em linhas gerais como esse estado de vida se manifestou na Igreja Primitiva e a missão e testemunho que deu na vida eclesial e na sociedade de seu tempo.

Nosso trabalho realizou uma aproximação dessa temática e abriu a reflexão para aprofundamentos posteriores, de dados mais concretos sobre a presença e a ação das virgens consagradas no contexto primitivo do cristianismo. Também se presta a uma abordagem bem mais ampla como a jurídico-teológica, que poderia considerar nesta forma inicial a presença dos elementos teológicos e jurídicos essenciais que constituem a vida consagrada. Outro caminho de aprofundamento, no enfoque da espiritualidade, seria a consideração da virgindade consagrada à luz da esponsalidade vivida no matrimônio.

As virgens consagradas contribuíram na construção da história da comunidade primitiva sustentando-a com seu testemunho silencioso e profundo, mas ao mesmo tempo, eficaz. Após o Concílio Vaticano II, esta forma de vida ressurgiu e se renovou. Recentemente, em um discurso ao um grupo de quinhentas virgens consagradas, participantes da reunião internacional do *Ordo Virginum*, o Papa emérito Bento XVI (2008) declarou:

“... a vossa realidade de mulheres que vivem a virgindade consagrada no mundo: *Um dom na Igreja e para a Igreja*. Nesta luz desejo confirmar-vos na vossa vocação e convidar-vos a crescer dia após dia na compreensão de um carisma tanto luminoso e fecundo aos olhos da fé, quanto obscuro e inútil aos olhos do mundo”.



**Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 7, n. 12, jul/dez, 2013,
p. 113-128**

Ainda hoje, a virgindade consagrada constitui um testemunho que desafia uma sociedade fortemente hedonista e erotizada, que chega a considerar o ser humano, especialmente a mulher, como um mero objeto de prazer. Esta forma de vida das origens do cristianismo que praticamente desapareceu no século VIII, ressurgiu no século XX, com a promulgação do *Ritual de Consagração das Virgens* em 1970. Encontramos ainda a presença deste ideal de consagração em virgindade no mundo nas associações de fiéis mais conhecidas como movimentos eclesiais e novas comunidades.

Abordar o tema da virgindade consagrada permitiu que pudéssemos conhecer o seu fundamento cristológico e cristiforme que tem um lugar próprio dentro da Igreja e que testemunha ao mundo de modo particular a forma de vida de Cristo. No entanto, esse testemunho é humilde e discreto, como mencionou o Papa Bento XVI em seu discurso, referindo-se ao seu carisma como luminoso e fecundo, mas ao mesmo tempo “obscuro e inútil aos olhos do mundo”. Obscuro porque uma compreensão superficial poderia considerá-lo uma manifestação de desprezo aos bens do mundo e da própria vida humana, um autêntico desperdício. No entanto, pudemos verificar que tanto para a Igreja como para o mundo o testemunho da virgindade consagrada é inestimável já que chama a atenção para a dignidade do ser humano e do amor, elevando-o a uma categoria superior e convidando as pessoas a olharem para as realidades futuras, onde está a meta final da existência, não só do cristão, mas de cada pessoa humana.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

CABRA, P.G., Breve Curso sobre a Vida Consagrada. Tópicos de Teologia e Espiritualidade. São Paulo: Loyola, 2006.

DICIONÁRIO TEOLÓGICO DA VIDA CONSAGRADA. São Paulo: Paulus, 1994.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Vita Consecrata*: sobre a vida consagrada e sua missão na Igreja e no mundo. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

LEXICON: DICIONÁRIO TEOLÓGICO ENCICLOPÉDICO. São Paulo: Loyola, 2003.

GHIRLANDA, G. Os conselhos evangélicos na vida laical. Arujá, Noviciado dos Legionários de Cristo, 2012. (Comunicação oral).

BENTO XVI. Discurso às Participantes na Reunião Internacional do "Ordo Virginum". Disponível em:
<http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20080515_ordo-virginum_po.html>. Acesso em: 23 de abril de 2012.



**Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 7, n. 12, jul/dez, 2013,
p. 113-128**

BUTLER, A. Vidas de los Santos. 2003. Disponível em: <http://es.catholic.net/santoral//articulo.php?id=11373>. Acesso em: 23 de abril de 2012.

GASPARETO JR., A. Virgens Vestais. Disponível em: <http://www.infoescola.com/civilizacao-romana/virgens-vestais/>. Acesso em: 22 de abril de 2012.

PIO XII. Constituição Apostólica Sponsa Christi. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501121_sponsa-christi_sp.html. Acesso em: 23 de abril de 2012.

PIO XII. Carta Encíclica Sacra Virginitas. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_25031954_sacra-virginitas_po.html. Acesso em: 23 de abril de 2012.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. Decreto sobre o rito de consagração das virgens. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE CANONISTAS. Disponível em: http://www.infosbc.org.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1147:consagracao-das-virgens&catid=60:apostolica&Itemid=78. Acesso em: 20 de abril de 2012.

NOTAS

* Graduada em Ciências Religiosas e Educação e Desenvolvimento. Aluna de Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Email: adriguimaraes1998@gmail.com.

NOTAS

¹LEXICON, 2007, p. 134.

²Mistério da união das naturezas humana e divina na única Pessoa Divina do Verbo, o Filho de Deus Encarnado, Jesus.

³Todas as citações bíblicas são da edição de 2002 da Bíblia de Jerusalém, em sua 6ª impressão no ano de 2010.

⁴Também exemplifica a entrega de Cristo ou a consagração que Ele faz de si mesmo ao Pai: Mt 26,38-45; Mc 14,36-39; Lc 22,42-44; Jo 12, 27-28.

⁵Conferência do Pe. Gianfrando Ghirlanda sobre os conselhos evangélicos na vida laical, em Arujá-SP, em fevereiro de 2012.

⁶No marco das perseguições contra os cristãos por parte do império romano que cessaram quando este se tornou oficialmente cristão no século V, destacamos alguns fatos mais relevantes. Em 64 d.C. o imperador Nero acusa os cristãos de serem os autores do incêndio de Roma, nesta perseguição são martirizados São Pedro e São Paulo. Mais tarde, o imperador Décio (149-251 d.C.) promove uma perseguição contra os cristãos em todo o império. Outra grande perseguição foi a do período de Diocleciano, que a partir de 303 d.C. forçou todos os cristãos a reconhecerem o culto ao imperador.

⁷CABRA, 2006, p. 16-17.

⁸LEXICON, 2007, p. 793.



⁹“Desde o século VI, ao estabelecer-se o rito litúrgico de Consagração das virgens, já se pode falar de voto público de virgindade. Possivelmente na Espanha seja necessário antecipá-lo aos últimos decênios do século III, por que o Concílio de Elvira ao falar de *pactum virginitatis*, deve-se entender no sentido de consagração pública – não é estritamente necessário aze-lo assim – não inova nada a respeito da práxis eclesial de tempos imediatamente anteriores. O primeiro caso conhecido de consagração pública é o da virgem romana Asela (344). Nos fins do século IV essa prática generalizou-se em toda a igreja com legislação muito concreta. O concílio de Cartago (398) estabelece inclusive a idade para admitir a virgem à consagração: ‘Que as virgens não sejam consagradas antes de cumprir os vinte e cinco anos’. O concílio de Toledo, de 400, declara inválido o matrimônio contraído por virgem consagrada. E o concílio de Calcedônia (451) ratifica essa norma para toda a igreja. Esta doutrina, um pouco ambígua, será completada nos concílios medievais. O II concílio de Latrão (1139) declara nulo o matrimônio dos clérigos e dos monges no cânone 7; e no cânone 8 a mesma norma é estendida às monjas” (DICIONÁRIO TEOLÓGICO DA VIDA CONSAGRADA, 1994, p. 1140).

¹⁰Em nota explicativa da Bíblia de Jerusalém (2002, p.1738) temos: “Jesus convida à continência perpétua aqueles que querem consagrar-se exclusivamente ao Reino dos Céus”.

¹¹Cf. DICIONÁRIO TEOLÓGICO..., 1994, p. 1136.

¹²Houve quem negasse que Jesus assumiu este ideal de vida, porém, não entraremos na questão de comprovar historicamente a virgindade de Jesus. Segundo Alvarez (Ibid.), ao tratar esta questão no Dicionário Teológico da Vida Consagrada, “a prática da virgindade nas comunidades primitivas tem conexão histórica com o mesmo Cristo, quer como fato histórico, quer como doutrina,,,” e afirma que os discípulos não a teriam proposto por sua iniciativa, já que pela mentalidade e prática cultural tal ideal seria desfavorável para aceitar a pessoa e a mensagem de Jesus.

¹³Com caráter lendário, porém que indica uma realidade histórica de existência e presença destas formas de consagração: *Atos de Paulo e Tecla, Atos dos Santos Nereu e Aquileu, Atos de São Mateus etc.*

¹⁴Na primeira parte o autor destaca que a mulher não casada tem mais liberdade para ocupar-se das coisas de Deus e de agradá-lo. Já na segunda parte, descreve a situação do pai que tem a preocupação de casar a sua filha.

¹⁵Com as obras: *De virginibus* e *De virginitate*.

¹⁶Com a obra: *De sancta virginitate*.

¹⁷Com a obra: *De habitu virginum*.

¹⁸Com a obra: *De virginitate*.

¹⁹LEXICON, 2007, p. 793.

²⁰LEXICON, 2007, 793.

²¹Mulheres que, assim como os “pais do deserto”, se retiravam ao deserto para levar vida solitária com Cristo e dedicar-se à sua imitação.

²²CABRA, 2006, p. 73.

²³BUTLER, 2003.

²⁴Cf. São Cipriano, *De habitu virginum*; Clemente de Alexandria, *Pedagogo*.

²⁵Cf. DICIONÁRIO TEOLÓGICO..., p. 1138.

²⁶SEVERO, S. In: *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*, 1994, p. 1138.

²⁷JOÃO PAULO II, 1996, p.23.

²⁸Segundo Gaspareto (2012), “a principal atividade das Virgens Vestais era manter o fogo sagrado sempre aceso no Templo de Vesta em Roma. Além disso, eram responsáveis por preparar a mola salsa e os muries, os quais faziam parte dos ritos religiosos romanos e eram produzidos utilizando o fogo sagrado. O vestuário das Virgens Vestais destacava a importância da castidade”.

²⁹PIO XII, 1954.

³⁰Cf. Mt 19,12.